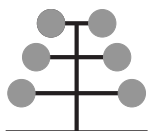


De outras considerações sobre a tragédia no golfo do México



AIPAN
EM DEFESA DA VIDA

Evidentemente, ao escrever estes versos, o grande poeta Castro Alves não imaginou que eles se encaixariam,

num outro sentido, como um romântico lamento sobre a tragédia ambiental que se espalha no Golfo do México. O poeta jamais conseguiria ter a antevisão de que as sociedades se tornariam tão consumistas e tão dependentes de petróleo.

Aos poucos vão sendo divulgados textos e fotos que nos mostram a verdadeira dimensão do desastre ecológico ocorrido naquela região. Fotos impressionantes, do incêndio na plataforma de extração de petróleo e de animais agonizando, aos poucos estão sendo mostradas ao mundo.

Mas infelizmente, sempre o maior enfoque recai sobre o prejuízo econômico em detrimento da análise do dano ambiental. Em nome do lucro, o prejuízo ambiental fica em ou-

tro plano. A preocupação do governo britânico com a saúde financeira e com o valor das ações da companhia petrolífera está na pauta das notícias.

A atividade de extração petrolífera em alto-mar envolve grandes riscos. As sociedades precisam fazer séria reflexão sobre a questão da necessidade do rigor nos licenciamentos am-

**Ó mar, por que não apagas,
Com a esponja das tuas vagas,
Do teu manto este borrão?**

Castro Alves

bientais. Depois de fatos consumados não adianta "chorar o petróleo derramado" nem mortes e perdas decorrentes.

O filme A História das Coisas denuncia claramente como os governos se tornam cada vez mais submissos às grandes corporações. Até mesmo o governo do país mais poderoso do mundo atual, enfrenta dificuldade nesta relação. Passados já praticamente dois meses do início do derrame, o presidente

Barack Obama, em visita àquela região, declara que este é o 11 de Setembro do meio ambiente norte-americano.

Haveria também um segundo vazamento, fato negado pelas autoridades governamentais daquele país.

Entretanto, cresce, a cada dia, a indignação da sociedade americana ao ver os danos causados aos Estados do sul dos EUA. O mundo também acompanha atento os desdobramentos desta crise provocada por tal vazamento de petróleo.

Apenas protestar e alertar para o despreparo de governos e de companhias petrolíferas não resolve problemas. Mas dificultar o acesso para que ambientalistas e ativistas cheguem a região atingida e façam o "trabalho sujo", ou seja, tentem salvar os animais que estão sofrendo com a poluição e limpar praias atingidas, é realmente o fim da picada.

Associado da Aipan